

A RECID e o CRB Sergipe

Nesse delicado processo de articulação para pensar de forma conjunta a formação política, a RECID em Sergipe desempenhou um papel fundamental. Contando com educadores de diversos movimentos sociais, uma das pautas centrais do coletivo de educadores era a formação política. E diante da diversidade dentro da rede muito se foi provocado sobre a falta de espaços comuns de formação política.

Foi num espaço da RECID que se tomou uma das principais decisões que viabilizou a realização do curso. A RECID Sergipe iria apostar centralmente no CRB como espaço de formação política e, com isso, parte dos encontros intermunicipais seria os módulos do CRB, pois ali se reunia todo o trabalho da RECID no estado.

O CRB SE e a formação de militantes

Após um ano do início do CRB, encerramos a turma com um bonito módulo sobre trabalho de base e organização popular. Esse conteúdo foi estrategicamente pensado para encerrar o curso, pois queríamos deixar a mensagem para os militantes que todo esse processo de formação proporcionado pelo CRB só faz sentido se aplicarmos na nossa prática militante de transformação.

Avaliamos também que foi uma iniciativa extremamente acertada na conjuntura estadual. O nível de desistência foi muito baixo comparado a outras experiências de CRB pelo país. Ao final desse processo, enxergamos um coletivo de militantes que passou por um intenso e longo tempo de estudos, aprendizagem e trocas de experiências com desafios enormes de colocar em prática o que aprendeu em seus respectivos movimentos.

Gilson Gonçalves, carteiro e sindicalista, afirma que: “o CRB teve importância para enxergar tema, muitas vezes, distantes do dia a dia, temas centrais para entendermos quais posturas e ações devem ser tomadas para a luta política brasileira”. Também nos demos conta durante a experiência do potencial de articulação que o CRB proporcionou para os movimentos, que aquele momento ia para além de um curso de formação, pois a partir dos momentos de encontros dentro do CRB foi possível articular processos de lutas em conjunto através da socialização das agendas dos movimentos.

Como desafio, o curso deixou para os movimentos a extrema necessidade de termos espaços coletivos para trocarmos impressões da conjuntura e também pensarem juntos espaços de formação política e lutas, fortalecendo assim o projeto popular de nação. Nesse sentido saímos com a tarefa de realizar CRBs

regionais, multiplicando a experiência e organizando e formando ainda mais militantes.

Para finalizarmos nosso texto, buscamos inspiração nas palavras de Ildo Siqueira, militante do MST, que diz: “foi muito esclarecedor, principalmente no que diz respeito a compreender melhor a nossa proposta de projeto popular, as ideias dos pensadores brasileiros sobre a revolução”. E completa: “participar do CRB foi uma doce tarefa no meu processo de formação, muito enriquecedor”. Ildo resumiu em poucas palavras o sentimento de boa parte da turma sobre o processo de formação do CRB/SE.





O projeto Semear em RONDÔNIA

A Rede de Educação Cidadã em Rondônia partilha o “Projeto Semear”. Um berço de sementes plantado e regado no solo fértil da educação popular, uma escola de formação onde se trabalha com foco na formação política, despertar do senso crítico semeando novas práticas. Além de ser um sonho coletivo que se tornou realidade, segue a trilha da identidade amazônica, suas cores, frutos, lutas e resistência.

Onde plantamos nossa semente²⁸

Com uma área geográfica muito extensa, Rondônia não foge da realidade amazônica do difícil acesso às suas localidades, com custo alto de transporte interno, cortando rios e acessos complicados para se transitar por seus interiores. Mesmo emancipados como Estado, ainda se vive as contradições de colônia, palco de exploração e avanço do capital com empreendimentos que não servem para a autonomia do povo rondoniense, mas para a manutenção do sistema capitalista e para a exploração e opressão do(a) trabalhador(a).

Os ciclos econômicos, representados pelos megaprojetos²⁹, hidrovias e o agronegócio, só aumentam os impactos sociais, ambientais, culturais e econômicos sobre a sociedade, causando o aumento da pobreza, que tiram populações inteiras de suas moradias, arrancando-as da sua referência, sua relação com o meio, sua cultura e identidade. Essas ações acarretam e aprofundam os problemas sociais, tais como: o desemprego, o inchaço populacional, caos urbano, violência doméstica, violência no trânsito, exploração sexual infantil, aumento da violência urbana como um todo, as degradações ambientais sofridas que afetam as comunidades urbanas, rurais e os povos tradicionais. É cada vez mais séria a situação dos conflitos no campo e em terras indígenas. O Poder Judiciário vem sendo ferramenta eficaz dos grandes proprietários, com decisões tendenciosas, não escondem seu favoritismo à classe dominante. Há um descaso com a classe trabalhadora, levando a um aumento da violência e ao extermínio dos(as) lutadores(as) do povo, militantes que lutam pela reforma agrária, que são perseguidos(as) e até mesmo tombados(as).

²⁸ Texto escrito com base na 2ª Carta Pedagógica da RECID-RO, escrita em junho de 2013.

²⁹ Quando nos referimos a “megaprojetos”, estamos nos referindo à construção/instalação das usinas hidrelétricas no Complexo do Rio Madeira em Rondônia.

Mesmo em tempos de desesperanças, é possível enxergar as faíscas de um mundo melhor, apresentamos então uma bela semente do amanhã.

Semeando utopias

O projeto Semear é uma escola de formação política, continuada e processual, com suas bases no pensamento e na metodologia da educação popular freireana. Ele nasce da busca e da necessidade de um processo de formação política para militantes, estudantes, gente interessada em aprofundar sua visão crítica de mundo. Também por inspiração de bons exemplos: primeiro pela experiência do curso Realidade Brasileira³⁰, avaliou-se necessário que Rondônia tivesse uma escola de formação política com a identidade amazônica e também pelo Programa Nacional de Formação da RECID. Assim, surgiram as primeiras gotas de chuva para essa semeadura. O coletivo de Rondônia ousou e propôs uma construção coletiva para a vivência da escola e várias entidades foram convidadas para construir junto essa escola de sementes.

Com a missão de realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização e educação popular, com pessoas das mais diversas vivências e, principalmente, com grupos vulneráveis econômica e socialmente, promovendo um diálogo, troca de experiências e a participação ativa na transformação da sociedade, afirmando assim um projeto popular, democrático e soberano de nação.

O projeto tem como objetivo a realização de um processo sistemático e continuado de formação acerca da realidade social, econômica, política e cultural do Brasil e da Região Amazônica, no contexto da América Latina e mundial, utilizando obras de pensadores(as) brasileiros(as) e latino-americanos(as), comprometidos(as) com a transformação da realidade social em que vivemos. Assim também socializar o saber/conhecimento de educadoras e educadores, militantes, dirigentes de movimentos sociais, entidades e organizações sociais e de pessoas interessadas em aprofundar saberes acerca das temáticas propostas nesse projeto.

O projeto Semear é a grande referência da RECID-RO, cuja missão é contribuir com a formação política e servir como um espaço para despertar reflexões que contribuam para que os(as) educandos(as) se tornem referência em seus espaços de atuação, conforme reafirma Izanoel Suruí³¹:

30 O "Realidade Brasileira" é um curso de formação política iniciado no ano 2000 e idealizado pela consulta popular, com objetivo de resgatar o pensamento crítico acerca da realidade política, social, econômica e cultural do Brasil.

31 Izanoel Suruí é um educando do projeto em sua terceira turma. Liderança indígena do Povo Paitér Surui.

Ampliou meus conhecimentos como cidadão, despertando o interesse das políticas públicas, direitos de cada povo, sendo assim, terei como objetivo colocar em prática para o meu povo e buscarei o aprimoramento para o crescimento do meu próprio conhecimento.

A escola iniciou sua primeira turma em julho de 2010, com seus processos vivenciados por três turmas. Especificamente, a turma de 2014 (3ª turma) surgiu de um processo anterior, que foram as rodas de conversa com a juventude, onde o coletivo da RECID-RO fez todo um ciclo de consultas e debates com os grupos de juventude mais próximos a nossa vivência. Essas rodas de conversa levaram à realização do Encontro Estadual de Juventudes da RECID-RO, que também serviu para articulação do Levante Popular da Juventude em Rondônia. Com isso, convidamos as juventudes para vivenciar o processo de formação do projeto. Até aqui, a escola conseguiu envolver aproximadamente cem pessoas, de dezesseis cidades de Rondônia, incluindo as participações de educandos(as) convidados(as) do coletivo da RECID-Acre, nosso estado vizinho e irmão.

O processo de formação se organiza em 06 (seis) módulos temáticos por turma, na terceira turma, cada módulo originou uma atividade acerca da temática trabalhada a ser realizada por cada participante. Cada módulo temático propicia momentos de reflexão, compreensão e aprofundamentos teóricos dos conteúdos propostos de modo a ouvir e perceber o conhecimento prévio e os conceitos já estabelecidos, problematização dos elementos que são levantados, embasamento e aprofundamento teórico, proposição e construção coletiva de ações práticas para resistência, enfrentamento e transformação da realidade local, semeando uma ciranda de novos saberes e conhecimentos.

Todos os momentos e passos vivenciados pela turma são mediatizados, facilitados, animados e assessorados por educadores(as) do campo do pensamento social crítico e que têm experiência, vivência e aprofundamento teórico das temáticas e conteúdos propostos, de forma voluntária. Nessas três turmas, 21 pessoas contribuíram assessorando as etapas da escola.

Os temas trabalhados nas etapas do projeto são pensados com o objetivo de envolver os indivíduos, fazendo com que possam se ver, no seu tempo e no seu espaço de vivência, para que se desperte o senso crítico e se estimule o processo de libertação/transformação em sua vivência prática na sociedade, conforme partilha Bruna Dayane³²:

³² Bruna Dayane foi educanda do projeto, em sua segunda turma.

O semear pra mim foi um processo de formação que ao invés de engessar pessoas como a maioria desses processos, faz é nos libertar. Liberta por nos abrir os olhos, às vezes chega a nos cortar na carne [...]. Posso falar sem dúvidas que participar do SEMEAR foi um divisor de águas na minha vida [...]. Me sinto como se tivesse sido virada do avesso, e tivesse o dever de pensar, questionar e intervir muito mais agora com o que encontro no meu caminhar.

Seguindo a lei da sementeira, o que se planta é o que se colhe, o projeto Semear semeou educação popular e vem colhendo educadores e educadoras do povo, fato muito bem observado na composição da equipe de educadores(as) liberados(as) da RECID-RO, boa parte foram educandos do projeto, resultando não só na renovação da equipe, mas, sim, na essência do caminho que vem se trilhando, do fazer junto o que vai além da teoria. A escola de formação em suas duas últimas turmas encontrou problemas em manter as mesmas pessoas até o fim do ciclo de formação proposto, obtendo complicações metodológicas, pois não se conseguiu manter o nivelamento das turmas, alguns educandos enfrentaram dificuldades em continuar o processo.

A teia RECID, reflexões e projeções de lutas

A RECID-RO vem contribuindo para o fortalecimento das lutas populares no estado, pois compartilha o mesmo ideal, gerando a partilha de saberes e somando nas lutas no campo e na cidade. O grupo de mulheres em Espigão do Oeste é um belo exemplo de unidade, onde estas têm uma identidade camponesa e como mulheres da classe trabalhadora. As vivências com as juventudes geraram processos na formação do Levante Popular da Juventude³³, na qual se reconhecem como juventude do projeto popular no qual sonhamos e colaboramos com nossas práticas em sua construção, assim como as formações contínuas na Escola de Fé e Política³⁴ vêm somando na atuação de lideranças de comunidades em Jaru.

A Rede de Educação Cidadã tem vivido a gestão compartilhada durante esses últimos anos de forma a avançar nas prestações de contas, mas a relação Estado e sociedade organizada vem piorando, infelizmente vivemos uma era de criminalização dos movimentos sociais, pelo seu fazer pedagógico que muitas vezes não se enquadra à dinâmica que o governo impõe. Nossos limites vão para

³³ O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes, voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade.

³⁴ A Escola de Fé e Política é um espaço de formação que traz a perspectiva política e religiosa da sociedade, gerando debates sobre amplos temas.

além dos grupos, estão no acompanhamento, pois não se tem estrutura para ancorar esses grupos. A quebra dos processos, pelo modo de fazer do convênio, acaba afastando a essência de nossas utopias. A RECID trabalha muito com o subjetivo, precisamos ir mais longe, sobre a perspectiva de organicidade da luta.

Consideramos avanço o envolvimento das pessoas que vivenciaram um ciclo de formação e processo e que hoje caminham fazendo a diferença em outros espaços, mostrando a autonomia política no conjunto da RECID, sendo um desafio à formação política com os indivíduos, desconstruindo seus conceitos preestabelecidos na visão de mundo para um novo olhar sobre o mundo, assim como partilha Cleiton Willian³⁵:

Tinha uma visão de mundo crítica, mas não sabia o porquê de tudo aquilo [...]. O Semear me ajudou a ver coletivamente tantas injustiças espalhadas pelos interesses políticos, tanta riqueza de cultura, enfim pude conhecer a história do meu país de maneira crítica daquilo que um dia tentaram me contar.

Um grande desafio da RECID-RO é manter as atividades sem convênio, não há condições, principalmente financeiras, com transporte para as ações, temos uma dependência econômica. Isso dificulta a atuação dos movimentos sociais, fechando as portas pelo recurso, por isso precisamos repensar uma política econômica da RECID, com articulações e possibilidade de continuidades dos processos.

Aprendemos que este nosso fazer pedagógico é o nosso diferencial, e que manter a escola de formação – projeto Semear – é uma possibilidade de lançarmos as redes às nossas pessoas, e que estas também possam plantar sementes do bem e da transformação onde forem. Assim fortalece-se o Instituto Madeira Vivo³⁶, que é uma ONG que tem luta e compromisso com as causas populares e tem como captar recursos, envolvendo esse coletivo enquanto sujeitos(as), educadores(as).

A RECID-RO trabalha para que se vivencie uma sociedade mais humana e fraterna, onde todas as aprendizagens sejam partilhadas, sejam multiplicadas na experiência da plenitude de seus direitos, na concretude de seus sonhos, somados ao bem viver de todos. Todos que pela RECID passaram até hoje semeiam em outros espaços. Acreditamos que os frutos que destes brotam, sejam nossos legados, não importa por onde forem, cultivarão as sementes para um novo ama-

35 Cleiton Willian foi educando do projeto e é estudante de Pedagogia.

36 O Instituto Madeira Vivo (IMV) é a entidade âncora local, que auxilia a RECID-RO em suas atividades e que tem uma grande luta em defesa do povo de Rondônia.

nhã. Como afirma Taís Carla³⁷: “Acreditamos ainda na vivência de um projeto popular de vida, onde a dor não seja medida pela capacidade do ter, mais do ser, e que ao amor façamos jus ao amanhecer, que nos faz renascer, em luta, leveza e bem viver”. E que não percamos jamais o sentido da caminhada, os rumos da transformação e o constante desejo de seguir lutando rumo um novo mundo, um novo país: um lugar de justiça e igualdades! Um lugar de esperança!

O projeto Semear somou na formação política “individual” de cada semente(a), no despertar de sua consciência política, vendo se, em meio à sociedade, somos capazes de contribuir na construção da manhã desejada, sendo a organização “coletiva” uma missão nossa na continuidade da escola de formação. A vivência da RECID tem sua temporalidade, sendo um desafio manter um trabalho de base, que concilie com a prática organizativa, tendo o Projeto Popular para o Brasil³⁸ como nosso horizonte, mas sensibilizados ao limite de trazer para o concreto o processo organizativo para desenvolvê-lo, assim mantemos os elos conquistados pelas partilhas e a completude no dia a dia do fazer pedagógico, com olhar firme, sobre como podemos crescer juntos, como lutadores(as) do povo, com identidade e dignidade do ser, em ousar ser sempre mais.

RECID-Rondônia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOLLIDAY, Oscar J. *A sistematização de experiências, prática e teoria para outros mundos possíveis*. 1. ed. Brasília, 2013.

RECID. *Plano Político-Pedagógico e Organizativo da RECID para o Triênio 2012-2014*. Brasília, 2012.

_____. *Projeto Político-Pedagógico*. 4. ed. Brasília, 2011.

37 Taís Carla foi educanda do projeto em sua 1ª turma. Neste último convênio, esteve como educadora liberada da RECID-RO.

38 O Projeto Popular para o Brasil apresenta uma série de propostas para transformação social, política e econômica para o Brasil, tornando-o um sonho possível, um país/povo livre e soberano.



Entre sonhos, veredas e balanços: Escola de Formação em Educação Popular do CEARÁ



A Escola de Formação em Educação Popular do Ceará, criada em 2011, com o objetivo de fortalecer política e pedagogicamente os(as) educadores(as) e os movimentos sociais populares vem, desde então, contribuir com os processos de formação, mobilização, organização e luta desses sujeitos. A escola aconteceu sob a metodologia da práxis freireana e se deu de forma itinerante, percorrendo várias regiões do estado. A escola itinerante se propôs a democratizar a participação de educadores(as) de todo o estado e oportunizou aos(às) educadores(as) populares vivenciar as diferentes realidades da vida e da luta do povo cearense.

Pretende-se com a sistematização do processo observar os aspectos pedagógicos, metodológicos e políticos vivenciados pelos sujeitos, pelas entidades e pelos movimentos participantes.

Considero essa oportunidade como um presente, pois além do

aprendizado, da troca de experiência, também tive a oportunidade de conviver com meus irmãos quilombolas, sendo que também sou quilombola da comunidade Serra do Juá em Caucaia-CE. A Educação Popular também vem com esse propósito de valorizar os saberes das pessoas. Na verdade, foi uma troca de experiência incrível para minha vida pessoal e profissional (Cláudia de Oliveira da Silva).

Concebemos alguns fazeres da educação popular: momento participativo e organização das atividades práticas de formação juntos às comunidades e a inter-relação nas diferentes instâncias do espaço-tempo comunitário através de uma vivência pedagógica sociocultural e econômica integrada às comunidades visitadas.

Veredas percorridas

Foram realizadas quatro etapas, e todas abordaram temas importantes para a militância dos seus participantes: educação popular com enfoque na metodologia freireana (2011). Iniciou em Fortaleza, na Obra Kolping, e fomos até a Prainha do Canto Verde, para navegarmos com a comunidade de pescadores no turismo sustentável e familiar. Em 2012, nos embrenhamos no sertão dos Inhamus, em Independência, e desbravamos a educação contextualizada da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, e a convivência harmônica com o semiárido vivenciado nessa segunda etapa da escola de Formação que teve como temática: educação contextualizada para a convivência com o semiárido.

“Itinerante” é um termo de origem latina cujo significado está relacionado com o ato de se deslocar constantemente, de percorrer itinerários, de viajar. O termo é associado a tudo aquilo que pressupõe uma mudança constante de lugar. Um mesmo projeto que pretende abranger pessoas de diferentes locais.

No âmbito da Educação Popular, a comunicação é fundamental para o fortalecimento dos grupos e movimentos. É indispensável direcionar forças para garantir ainda mais essa prática (Rubens Ramon C. Soares).

Sob a brisa do Aracati³⁹, chegamos ao Centro Sul para estudar e vivenciar a comunicação popular, dialogar com a educação formal na nossa terceira etapa de escola: comunicação popular e os movimentos sociais (2013). Chegamos a nossa quarta e última etapa: a arte e a cultura na perspectiva da educação popular: a identidade cultural na construção do Estado que queremos (2014). Escalamos a Serra do Evaristo para nos reconhecermos na arte, tradição e cultura das comunidades tradicionais quilombolas. De lá, metemos o pé na estrada e fizemos parada em Tabuleiro do Norte, no Vale do Jaguaribe para nos compreendermos como povo que sonha, que luta e que constrói; percorremos mais uma vereda, e banhados nas águas do Açude Orós, reafirmamos que o Sertão está Vivo⁴⁰ através da mística, da cultura, da arte, da música e da ancestralidade. Para finalizar, trilhamos para a Chapada do Araripe, comunidade Chico Gomes, onde fizemos intercâmbio cultural com os mestres da cultura popular do Cariri, nos alimentamos da economia solidária, nos banhamos nas fontes naturais da Chapada e compreendemos que “das relações brotam as marcas de nossa identidade”. É por meio das relações individuais, com o grupo, com as instituições; com nós, com o outro, com o mundo, com o transcendente que construímos nossa história.

O que o percurso nos trouxe

Sistematizar o processo vivenciado na Escola de Formação em educação Popular do Ceará nos permitiu avaliar o legado deixado com a integração dos movimentos e das lutas do MOVA-Brasil, Grupo de Consciência Negra do Cariri (GRUNEC), Movimento Ceará, Grupo Urucongo de Arte, Associação de Base com Ações Participantes (ASCAP), Espaço Cultural Frei Tito de Alencar (ESCUTA), Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, Teatro Cenas, Associação Raízes Cultural de Altaneira (ARCA), Associação Bote Fé na Juventude, de Cariús e Cáritas. A escola nos possibilitou espaços de partilha, troca de saberes e experiências, fortaleceu a teoria do conhecimento, potencializou a ação dos sujeitos e dos movimentos. A escola contribuiu, aproximadamente, com a formação de mais 120 (cento e vinte) educadores populares de mais de 30 entidades e movimentos.

39 *Aracati*: nome que no Ceará se dá a um vento forte, que à noite sopra do nordeste, ao sudoeste, no verão, em certas regiões

40 Sertão Vivo é um Projeto criado pelo músico Zé Vicente, na localidade de Aroeiras, área rural do município de Óros-CE.

Penso que a principal contribuição foi a partilha das ideias e vivências... a discussão sobre cultura possibilitou os participantes a valorizar mais as suas raízes culturais e observar adversidade cultural e artística no qual estão inseridos em suas comunidades. Esses espaços proporcionados pela RECID-Ceará são de uma importância ímpar e que possivelmente irá lhe proporcionar grandes experiências e belos encontros (Marcos Moraes).

A experiência ajudou a refletir sobre a história da educação popular no Brasil e na América Latina com seus diferentes desdobramentos, pressupostos e modos de implementação que buscam atender às diferentes especificidades, de como funciona o Estado, ao modelo proposto para a organização popular para a superação e transformação da realidade opressora, despertando e fortalecendo a prática pedagógica dos sujeitos envolvidos nos processos da educação popular no Ceará.

Essas atividades contribuíram para minha formação enquanto educador e até mesmo de forma acadêmica. Participo desde minha adolescência em grupos sociais e na RECID fortaleceu ainda mais minha militância. Aprendi que a educação popular pode transformar a realidade (Edinaldo Felipe de Sousa, Fortaleza).

Mobilizou e integrou educadores(as) destacando a dimensão educativa do seu trabalho de base, levando-os(as) a refletir sobre as realidades e os processos de transformação e poder de intervenção, compreendendo a educação popular como uma ação política-metodológica na vida dos movimentos sociais.

A RECID me deu uma maior visão de mundo e um desenvolvimento pessoal para ser protagonista nos diversos espaços que atuo. Seja na universidade, nas ONGs ou numa roda de amigos, o conhecimento sempre sobressai, não como opressor, mas como agente multiplicador. Antes só me ligava no que estava acontecendo na ONG na qual participo... a partir daí você passa a ter uma maior dimensão dos movimentos e suas importâncias. Temos de ser protagonista da sua própria história, e isso depende de uma visão crítica e libertadora. A RECID traz um conceito baseado na educação popular que nos proporciona isso (James de Sousa Duarte, Parajuru/Beberibe).

Possíveis veredas a serem trilhadas

Há muito que aprender ainda. Muitos desafios e limites foram superados, outros tomaram forma e corpo durante a formação: o que os(as) educadores(as) populares conhecem das problemáticas do estado, de suas regiões e da sua comunidade? Que visões foram superadas? Que realidade se pretende transformar? Que críticas fazem a organização dos movimentos sociais e entidades no Ceará? Que lutas serão integradas? Como a RECID-Ceará pretende chegar a uma atuação social coletiva significativa e contextualizada?

Dentre o nosso fazer, a partir da educação popular, o planejamento das ações transformadoras da realidade apresenta-se como um desafio para a comunidade comprometida com a construção de uma prática sociocultural crítica e assume-se como uma comunidade construtora de conhecimentos, ou seja, como sujeito coletivo que criticamente supera os obstáculos. Como bem afirma Tolovi:

Toda militância precisa de dois aspectos fundamentais: de um lado, coragem e carisma para um processo de inserção nos meios populares, de outro, clara consciência de um método que seja efetivo e eficiente para provocar impacto positivo na realidade social. A nossa contribuição foi na perspectiva de se refletir sobre esse método. Atualmente, nós podemos perceber que são muitas as ONGs e educadores sociais no campo da filantropia. Contudo, um dos grandes problemas que pode ser observado com facilidade é o fato de que, em geral, não há uma preocupação concreta em associar e avaliar a atividade da instituição ou dos educadores na perspectiva de um impacto social concreto. O que faz com que as ações sejam esporádicas, superficiais e sem consistência no campo da política social. Portanto, refletir sobre nossos métodos e nossas estratégias consiste em um grande desafio para cada um de nós (Carlos Alberto Tolovi, Altaneira/Crato).

Reconhecemos que embora a escola de formação de educadores tenha possibilitado espaços de partilha, de troca de saberes e experiências, fortalecido o conhecimento, potencializado o trabalho de base dos sujeitos e de alguns movimentos, não foi capaz de formular estratégias de ações práticas e coletivas dos movimentos diante da realidade cearense, sendo essas lutas e ações específicas de movimento/entidades com pouca intervenção na realidade local. Porém, a formação permanente visa formar sujeito coletivo, que criticamente supera os obstáculos, e desencadear junto à comunidade um posicionamento crítico-prático

em relação às necessidades e às contradições por ela vivenciado e os encaminhamentos concretos para a conquista da autonomia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *A sistematização de experiências*. 1. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2013.

PALUDO, Conceição. *Educação popular em busca de alternativas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PELOSO, Ranulfo. *Trabalho de base*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.



2ª Escola estadual de Educação Popular Padre Josimo no TOCANTINS



A RECID-TO vem partilhar a experiência da 2ª Escola Estadual de Formação Padre Josimo, construída em mutirão, a partir dos princípios do Projeto Político-Pedagógico, 2007. Ela faz parte do processo de construção do poder popular no Tocantins.

Essa escola é uma experiência de formação em educação popular, de cunho itinerante, construída pela RECID em parceria com o Movimento Estadual de Direitos Humanos e tem por objetivo: favorecer um processo sistemático e contínuo de formação de lideranças das diversas organizações que lutam e promovem os direitos humanos no estado. O nome da escola é uma homenagem ao militante, profeta e lutador Padre Josimo Tavares, que trabalhou muitos anos no Bico do Papagaio, assassinado pelo poder do latifúndio em 1988. Contudo, o latifúndio não conseguiu apagá-lo, pois a morte não coube nele. Contudo, multiplicou seu exemplo. Esse é o grito que ecoa das comunidades que conviveram com ele. Seu legado é de luta e resistência. A primeira escola foi realizada em 2013.

Após a avaliação da primeira escola, vista como um instrumento significativo no processo de formação, o coletivo estadual decidiu pela realização da segunda escola, no ano de 2014, que teve a participação de 40 jovens das diversas regiões do estado. Alguns desses jovens sempre estiveram participando da RECID, nos grupos de base, nas comunidades, nos assentamentos do MST, nos centros de Direitos Humanos, nos movimentos sociais, deixando sua marca de irreverência, indignação, criatividade e compromisso. Essa escola foi sonhada pelos jovens já inseridos e pelo coletivo estadual, integrado por organizações que oportunizam aos jovens espaços de convivência, estudo e lazer, tendo por objetivo a formação de novas lideranças e a construção de um novo projeto popular para o Tocantins e para o Brasil.

Essa escola foi organizada em 4 módulos, com temas escolhidos pela própria juventude a partir dos desafios e demandas de sua realidade, tais como: protagonismo juvenil e políticas públicas para a juventude, controle social, cultura e desenvolvimento sustentável. Foi criado também um grupo de trabalho com um jovem de cada região, constituindo-se uma equipe pedagógica responsável pelo acompanhamento e andamento da Escola.

O I módulo foi realizado de 21 a 23 de fevereiro de 2014, na chácara da comunidade Adorai, em Palmas, onde se estudou os temas: protagonismo juvenil e políticas públicas para a juventude. Esse módulo contou com a assessoria de Alex Pamplona, do Conselho Nacional da Juventude, e Pedro Ferreira Nunes, do coletivo de formação política José Porfírio. Os temas estudados despertaram na juventude o ser protagonista no lugar onde vivem, quebraram os estereótipos impostos pela sociedade capitalista, assim como ajudaram retomar a índole revolucionária dessa juventude.

O II módulo foi realizado de 25 a 27 de abril de 2014, na Chácara Fênix, em Palmas. Com a assessoria de Maria Francisca Carvalho, RECID-TO, os jovens estudaram o que são políticas de estado e políticas de governo. Esse estudo ajudou-os a perceber o quanto se faz necessário o exercício pleno da cidadania no controle social das políticas públicas. O III módulo foi realizado de 04 a 06 de julho, na comunidade Barreiro Danta, em Taguatinga. Dessa vez, fizemos um passeio pela cultura tocantinense a partir da cultura da comunidade e do município onde o jovem está inserido. A assessoria foi do próprio coletivo da RECID. O IV e último módulo realizou-se entre os dias 22 a 24 de agosto, na chácara da CPT, em Araguaína, região norte do estado. Foi trabalhado o tema desenvolvimento sustentável com a assessoria de Judith Rocha, do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), integrante do coletivo da RECID, que trabalhou com a turma a questão dos grandes projetos. Tivemos também a contribuição de

Valdivino Santos, das CEBs, partilhando sua experiência em agroecologia, e Edileuza Oliveira, da Associação dos catadores de materiais recicláveis de Palmas (ASCAMP). Seu exemplo de luta e militância fascinou a juventude.

Sujeitos da escola

O Estado do Tocantins tem uma história de descaso e abandono por parte dos governos. Esse descaso marcou a vida dos(as) trabalhadores(as), deixados à mercê de seus direitos básicos. Mesmo com sua autonomia política em 1988, pouco se tem avançado no que concerne aos direitos das populações indígenas, ribeirinhas, trabalhadores rurais e urbanos. A juventude dessa escola, filha da classe trabalhadora, vinda das várias regiões do estado, mostrou a diversidade cultural, social, econômica e étnica, como também as situações de descaso, abandono e espoliação. Da região Norte, os jovens participantes dos assentamentos do MST são estudantes do Ensino Médio, grupos de diversas igrejas, de núcleos de direitos humanos, filhos de pescadores, agricultores e professores.

Da região Central são jovens universitários, funcionários públicos municipais, militantes do MST, estudantes do Ensino Médio, praticantes de esporte e indígenas Xerente. Do Sudeste, são jovens quilombolas, trabalhadores do comércio, universitários, estudantes do Ensino Médio, conselheira tutelar, militantes de grêmios estudantis, de grupos culturais, do Centro de Direitos Humanos de Dianópolis, de Taguatinga e do Instituto de Juventude Novos Tempos.

A maioria desses jovens frequenta as escolas públicas, muitas vezes, engaioladas por um sistema educacional estático, seletivo e excludente. Ali estão à espera de uma chance, de uma oportunidade. Outros ainda sequer estudam e vivem à margem da sociedade, à mercê de todo tipo de exploração e violação humana. Muitos desaprenderam a capacidade de sonhar e são moldados na falta de perspectiva, tornando-se meros expectadores, passivos e instrumentalizados pelo sistema mercantilista, individualista e competitivo.

Novos ventos para a RECID: aprendizagens e desafios

Essa juventude trouxe novos ventos para a RECID ao dar sua marca a essa escola. Ajudaram-nos a reaprender, da pedagogia Freireana, o diálogo, a capacidade de escuta e a refletir sobre a realidade para transformá-la. Tudo isso foi reinventado a partir de novas metodologias, criativas e dinâmicas, como, por exemplo: música, teatro, dança, *slides* e vídeos. Ela abriu novos horizontes e nos mostrou também que há muitos jovens discriminados socialmente, em busca de uma oportunidade.

Ao mesmo tempo em que a juventude trouxe esses novos ventos para a RECID, a própria juventude foi aos poucos se envolvendo e se sentindo abraçada pela dinâmica, com suas histórias de vida, com seus talentos, com seu jeito de ser, de pensar e de viver. A RECID foi um marco positivo em suas vidas, afirmam os dois depoimentos: “O que a RECID significa para mim? Tudo para mim. Quando eu cheguei aqui eu me senti acolhido por todos. O pessoal aqui não tem esse negócio de preconceito não. Se ele é índio, negro, não tem isso, é igualdade. Eu aprendi muita coisa nesta escola” (Amauri, Tocantina).

Sou vice-presidente do instituto de Juventude Novos Tempos (IJNT) criado em novembro de 2013, e estamos aí na luta até agora. Levarei desta escola tudo aquilo que eu aprendi aqui, tentarei transmitir para outras pessoas, para outras jovens, porque assim o significado de um ensino não é só no lugar onde a gente aprende, a gente tem que levar ele aonde a gente for, aonde pisa, a gente tem que transmitir este ensino. Então, a RECID foi uma das coisas mais importante que aconteceu em minha vida (Ludiana Gonçalves, Taguatinga).

Na medida em que a escola foi acontecendo, a juventude foi sendo tocada e despertada a assumir um novo jeito de ser jovem na sociedade. Ou diríamos melhor, a reassumir o seu papel transformador e o seu espírito revolucionário. Os temas sugeridos pelos próprios jovens vinham ao encontro de suas demandas, inquietações e indignações. Por isso mesmo provocavam uma mudança na forma de ver o mundo à sua volta e a posicionar-se frente a determinadas situações. A escola deu elementos para esses novos posicionamentos. Isso fica bem claro nos depoimentos a seguir:

E eu acabei vendo que eu posso dividir minha vida em pré-RECID, RECID e pós-RECID. Porque antigamente eu tinha um olhar diferenciado do que acontecia ao meu redor, e a partir da RECID, eu pude me ver como uma jovem protagonista, assim como jovem posso protagonizar em algo pra mudar a minha sociedade. Porque não é questão de idade, é vontade, é força de ir atrás e buscar. E é isso que a RECID me mostrou (Alanna Oliveira, Araguaína).

A RECID foi a primeira escola, o primeiro projeto que abriu espaço para que eu pudesse mostrar um pouco da minha arte que é a música. É também uma escola de formação popular, eu gostei muito em poder contribuir com os meus conhecimentos, poder mostrar um pouco da minha cultura e conhecer outras que não conhecia (Demétrius, Palmas).

Os depoimentos dos jovens nos fazem perceber um grande avanço no processo de formação vivido pelo grupo como um todo e por cada um dos participantes. À medida que se vai tomando novas posturas, vai também sendo um cidadão/cidadã que questiona e interpela. E isso é perceptível no lugar onde o jovem está inserido. O depoimento de Ivanilda Curcino, de Tocantínia, mostra isso:

Tive a honra de Participar da Escola de Formação Pe. Josimo organizada pela RECID. Costumo sempre falar que esta escola mudou minha vida, minha maneira de olhar o mundo, de olhar as pessoas. Consigo olhar as coisas com um olhar crítico, porém refletindo cada situação. Hoje tenho sede de mudanças. Vivo questionando as coisas para nossos representantes. Onde eu trabalho no serviço público, sou considerada uma pedra no sapato deles.

Essa escola é uma parte no processo maior de construção de um novo projeto popular para o país, pois a juventude em marcha soma e irá somar-se aos demais militantes das organizações populares e sociais que fazem, cotidianamente, a denúncia das violações à dignidade humana e à promoção dos Direitos Humanos. A juventude no meio onde vive, estuda, trabalha e se organiza. Por isso ela também irá contribuir na construção de novos tempos alicerçados em novas relações entre raça, etnia, gênero e religião. Novos tempos, de menos competição e mais solidariedade, de menos exclusão e mais integração, de menos fragmentação e mais integralidade.

Uma escola que se multiplica

Os jovens do sudeste do estado, do Instituto de Juventude Novos tempos (IJNT), em parceria com a RECID e o CDHT, além de participarem da escola de formação estadual, organizaram a I Escola de Formação da Juventude da região, com a participação de jovens de 11 municípios. É muito bom ouvir de Daniella

Galvão, presidenta do IJNT e coordenadora da escola na região, falar aos jovens na abertura do II módulo: “Sintam-se à vontade. Nesta escola é jovem falando para jovem. Vamos falar de nossa realidade, de nossas experiências. Sintam-se em casa”.

Esses jovens vieram de uma experiência de educação de escola pública. Jovens estudantes do Ensino Médio regular e EJA do Colégio Estadual Justino de Almeida em Taguatinga-TO, que levaram em frente o projeto: “Quem Sabe Faz a Hora não Espera Acontecer”. Retomaram o grêmio estudantil e ultrapassaram o muro da escola. Acompanharam as sessões da câmara de vereadores, organizaram e participaram de conferências, aprenderam a elaborar projetos de lei de iniciativa popular, realizaram o I encontro da Juventude da Região Sudeste e criaram o Instituto de Juventude Novos Tempos.

Considerações finais

São muitos os desafios deixados por essa escola. O primeiro deles é que se multipliquem espaços democráticos e diversos de formação para a juventude nos movimentos, institutos, onde a juventude assuma de fato seu protagonismo, faça a diferença no meio em que está inserida e possa contribuir na construção de um projeto popular para o município, o estado e o país.

O segundo desafio é a RECID ir ao encontro dos jovens onde eles estão vivendo, seja na escola, na comunidade, no assentamento do MST, na associação de moradores, no grêmio estudantil, no grupo de jovens, no centro acadêmico, dentre outros espaços.

O terceiro desafio vem das indagações que esse encontro da juventude com a RECID faz: como oportunizar um espaço real de exercício do protagonismo juvenil? Como o jovem na RECID pode ser, de fato, sujeito de sua história nos processos de articulação e mobilização? E, por fim, saltando os muros da própria RECID, como fortalecer a militância política e revolucionária da juventude?

Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição genética. Foi essa ideia de Che Guevara que embalou a juventude dos quatro cantos do estado e continuará embalando a esperança rebelde, a ousadia inquietante, a indignação combatente dessa juventude, que assume a vanguarda de um novo tempo e grita com ousadia e irreverência: “Juventude que ousa sonhar, faz novo tempo chegar”.

Educação Popular – Uma Escola em Formação no MATO GROSSO DO SUL



A caminhada até este ano de 2014 nos proporcionou diversas experiências, porém uma delas sintetiza e abrange ao mesmo tempo uma das vivências mais significativas no processo de formação em Educação Popular no Mato Grosso do Sul e vem contribuindo, dessa forma, no fortalecimento das lutas dos movimentos sociais no estado.

No MS, há mais de 22 comunidades quilombolas rurais e urbanas. Somos o segundo Estado com maior número de população indígena, com necessidades específicas a serem atendidas. A visível falta de vontade política por parte dos governantes locais resulta em injustiças sociais e violência, com assassinatos brutais contra gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros na região do Pantanal, colocando o MS num patamar lastimável de violência no cenário nacional, a exemplo, somos conhecidos como o 5º Estado com o maior índice de violência doméstica contra a mulher.

No estado, há também o desafio ambiental. Conhecido para além de suas riquezas naturais, o Pantanal é denominado a maior planície alagada do planeta, com mais de 50% da sua área total localizado no MS, as quais estão em risco de extinção, por atividades predatórias e explorações ambientais, alterando toda a

cadeia natural desse bioma, quais sejam: plantações de canaviais, de soja, de eucalipto, na implementação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) em áreas naturais e, por último, a criação de gado.

O espaço educativo “Educação popular – uma escola em formação” teve início em 2012, em Campo Grande-MS. Até então a formação no estado se dava por assuntos organizados por categorias, o que, pela sua especificidade, privilegiava a determinados(as) educadores(as) em detrimento da grande maioria para o qual era destinado o encontro. Essa forma não agregava os debates conjunturais e de interesse comum, ao contrário, fragmentava a luta.

Desse modo, a vivência do educador Paulo Matoso, em uma das experiências já iniciada com a RECID de Goiás, na Escola de Educação Popular, contribuiu e potencializou-se nas reflexões, com a ideia de um processo continuado que envolvesse os diversos sujeitos, movimentos e organizações sociais do MS. A mencionada proposta foi apresentada em um encontro ampliado da Coordenação Estadual da RECID, onde também foram levantadas sugestões mínimas e temas variados, objetivos gerais e específicos para os módulos.

Reuniões internas sintetizaram as propostas e operacionalizaram o processo estrutural, metodológico, de comunicação e mobilização. No intuito de potencializar a nossa experiência, fomos buscar parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que contribuiu na construção da metodologia da Escola de Formação e na orientação técnica de elaboração de um texto/artigo. Cada educador(a) se responsabilizou por um módulo, pesquisa e disponibilização do material pedagógico, orientação do grupo de estudo e o acompanhamento do relatório final do módulo em questão. Assim sendo, a UFMS estabeleceu que para receber o certificado o participante da escola teria que ter 70% de presença durante o período de vigência da formação.

Temas centrais de cada módulo

1º módulo: Projeto Popular e alternativas frente à crise capitalista – 06/2012.

2º módulo: História das ideias e lutas sociais no Brasil e na região Centro-Oeste – 08/2012.

3º módulo: Experiências de poder popular na América Latina – 10/2012.

4º módulo: Metodologia da práxis e experimentação pedagógica – 11 e 12/2012.

5º módulo: Concepções de educação no Brasil (história da educação popular e pedagogia freireana) – 12/2012.

A formação ocorreu num espaço alugado da igreja Católica pertencente, a “Casa dos Pobres Servos da Divina Providência”, durante cinco meses, com pessoas de saberes diversos – este talvez tenha se apresentado como um dos maiores desafios da escola.

No repensar de seu fazer pedagógico/formativo e político, a RECID-MS tem buscado articular os mais diversos movimentos e organizações sociais, dialogando e contribuindo no processo de formação política. Atualmente, participam da RECID: Teatral Grupo de Risco, Imaginário Maracangalha, Flor e Espinho, Circo do Mato, como também assentamentos Sol Amarelo e Estrela do Amanhã, Sindicato das empregadas domésticas, estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal da Grande Dourados, donas de casa, representantes da comunidade Cigana (Tenda Sara Kali), comunidades Indígenas (etnias Terena e Guató), Conselho Terena, Comunidade Ribeirinha de Corumbá, Comunidades Quilombolas Rurais e Urbanas, Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, grupo de capoeira Cordão de Ouro, grupo Trabalho e Estudo Zumbi (TEZ), Movimento Negro, Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Federação Estadual dos Trabalhadores da Educação (FETEMS).

Foi a partir das avaliações da primeira etapa que construímos a segunda, reformulamos alguns temas, adequando-os à conjuntura e às demandas apresentadas pelos participantes e aumentamos um módulo. Os mesmos movimentos e as mesmas organizações da etapa anterior foram articulados, ampliando o leque de possibilidades de participação. Em vários momentos, percebemos a riqueza dos debates, que fica evidente no exemplo abaixo:

O capitalismo está destruindo as lavouras, chega a matar as pessoas, explora os trabalhadores, no campo a uma busca para se manter na igualdade (Dona Floriza, assentamento Sol Alegria).

Este sistema econômico transforma tudo em mercadoria, passa a não enxergar os seres humanos, não respeitando o valor do ser humano e da vida, destrói a alma das comunidades tradicionais, desmatam, tiram terras, a especulação imobiliária tira os espaços dos acampamentos, e, quando se dobra ao capitalismo paga se um preço, abre mão da sua cultura... não se admite que o ser humano seja ele mesmo, transforma em latas, rotulando e colocando preço (Cigana Luna).

O Teatro do Oprimido, uma ferramenta utilizada nas duas etapas da escola, possibilitou maior interação entre os(as) participantes, contribuiu para a reflexão de conceitos culturais e religiosos e debateu a realidade vivida pelos sujeitos dentro e fora da Escola de Formação. Além de exercitar o corpo e a mente, cada um(a) foi desafiado(a) a se entregar à experiência de maneira integral e lúdica. As técnicas usadas propiciaram às pessoas tomar atitudes, “se posicionar”. São técnicas muitas vezes provocativas que vêm exatamente com a intenção de tirar o sujeito da área de conforto e comodismo, deixando assim de atribuir os fatos do dia a dia como normal ou fatalistas. Trabalhar para transcender os conceitos formados, cristalizados, valores culturais e religiosos. O Teatro do Oprimido cumpriu essa função de empoderamento, por meio da cultura popular e da arte.

A Escola de Educação Popular foi o primeiro espaço de construção continuada amplo da RECID-MS e provocou desde o seu debate inicial novas expectativas ao coletivo ampliado do Estado no sentido de reflexão crítica sobre a educação popular e as realidades heterogêneas vivenciadas. Possibilitou uma aproximação ampla com planejamento anual e ainda despersonalizou esse espaço, que foi um divisor de águas, para o projeto de Educação Popular no Estado do Mato Grosso do Sul.





Comunidade de Aprendizagem em Educação Popular em SÃO PAULO

*“A comunidade é um espaço de ensino aprendizagem,
basta eu me abrir ao diálogo”
(José Pacheco).*

A Comunidade de Aprendizagem em Educação Popular (CAEP) tem o propósito de desencadear um processo de formação de educadores(as) à luz da educação popular, com vistas à construção de um projeto popular para o Brasil e a América Latina, sendo esse o horizonte da comunidade.

A educação popular a um só tempo é uma concepção prático/teórica e uma metodologia de educação que articula os diferentes saberes e práticas, as dimensões da cultura e dos direitos humanos, o compromisso com o diálogo e com o protagonismo das classes populares nas transformações sociais. Antes de inserir-se em espaços institucionais, consolidou-se como uma ferramenta forjada no campo da organização e das lutas populares no Brasil, responsável por muitos avanços e conquistas em nossa história.

Na contemporaneidade, a educação popular tem ganhado destaque, sobretudo no que se refere a suas perspectivas, enquanto prática pedagógica e uma teoria da educação cuja concepção tem sido uma das mais belas contribuições ao pensamento pedagógico universal. Sua fundamentação tem contribuído positivamente na construção de novas formas de fazer política, de pensar e fazer democracia, fato que acreditamos poder possibilitar a realização integral da formação humana. Nesse aspecto, surgem emaranhados de questões que evocam a necessidade de pensá-la como uma busca, um produto histórico, nos levando a lançar de algumas ideias para renovar antigas discussões já realizadas a esse respeito, tentando analisar o que está contido no “conceito”. Para tanto, coube-nos perguntar: o que significa a educação popular? O que seria o popular? Que caminhos ela aponta para se construir uma escola cidadã? Através dessa breve análise, tentamos compreender o campo da educação popular sob a perspectiva de uma educação emancipatória que fosse contemplada sobre maneira na experiência da comunidade de aprendizado em educação popular aqui desenvolvida.

Linha do tempo

No início de 2011, houve um desdobramento onde a Rede de Educação Cidadã desencadeou um processo de avaliação de sua caminhada no triênio 2009-2011, que foi organizado em quatro linhas de ações complementares, onde se previa na sua linha 1: “Avaliar e atualizar as políticas e processos elaborados no 9º Encontro Nacional, à luz do PPP – Programa Nacional de Formação (PNF) e as Políticas de Comunicação, Organicidade e de Gestão e Sustentabilidade”.

A partir da sensibilização dos estados e das macrorregiões, houve um esforço de se construir de forma coletiva um instrumental de avaliação. Concluído e aprovado, o segundo passo foi o início efetivo do processo de avaliação, com a participação de todos os estados na avaliação do PNF e das políticas da RECID. O resultado dessa avaliação foi refletido e aprofundado, respectivamente, na IV Ciranda de Educação Popular ainda no ano de 2011. Logo em seguida, houve a avaliação da política de organicidade. Nessa ocasião, também foram aprofundadas as sugestões e propostas para as políticas de comunicação e de gestão e sustentabilidade, com base nas propostas vindas da IV Ciranda e Encontro Nacional de Gestão, sendo a última etapa desse segundo passo a avaliação do 2º Programa Nacional de Formação.

A síntese dessas avaliações encaminhadas pelos estados sobre o PNF foi organizada e refletida na reunião da equipe pedagógica e de comunicação, onde foi concretizado o processo avaliativo e encaminhado a elaboração do “Texto-base para preparação do 11º Encontro Nacional da RECID”, o qual se delineia, a médio e longo prazo, os grandes desafios estratégicos pontuados pelas macrorregiões, a implementação do 3º Programa Nacional de Formação e a consolidação das propostas para as políticas de comunicação, de gestão e sustentabilidade e, finalmente, as orientações para a organicidade da RECID em toda sua complexidade, buscando com isso projetar o futuro da Rede para os três anos seguintes, tendo como horizonte o grande acúmulo de experiências e debates em torno da sua prática pedagógica e política, com o grande desafio de, partindo da rica diversidade, construir a unidade em torno de um Projeto Popular para o Brasil.

A partir de todo esse trabalho, das demandas apresentadas pelo PNF e, principalmente, da necessidade relatada pelas lideranças comunitárias em se fortalecerem como educadores(as) populares em seus trabalhos de base, iniciamos em São Paulo algumas reflexões a respeito de como poderíamos fomentar dentro dessa perspectiva de formação um espaço em que pudéssemos acolher e fortalecer lideranças comunitárias das regiões as quais atuamos.

Estava posto aí um dos nossos maiores desafios para 2013: criar uma comunidade de aprendizagem, e este era, sem dúvida, um desejo coletivo de con-

cretizar esse conceito, que inspira e orienta nossa visão de “criar condições para cidadãos, educandos e educandas, formarem uma comunidade de aprendizagem, que lhes pudesse trazer ferramentas para fortalecer seu trabalho de base. Então no decorrer do ano de 2013, animados e animadas, principalmente, pelas nossas vivências nas cirandas nacionais, buscamos aprofundar nosso conhecimento sobre o tema e decidimos que era chegada a hora de colocá-la em prática.

Assumimos a comunidade de aprendizagem em educação popular em SP como uma proposta baseada na transformação do contexto educativo realizado pelos educadores populares, visando à melhoria do compartilhamento do conhecimento e das experiências de cada educando, partindo da concepção de que a interculturalidade é o grande pano de fundo da aprendizagem, que se alicerça na relação entre os sujeitos e é permeada pela concepção dialógica de Freire. Nesse sentido, acreditamos que quanto maiores e mais diversas forem as relações intersubjetivas estabelecidas, maior seria a potencialidade da aprendizagem de todas as pessoas envolvidas.

Em reunião de articulação entre os educadores(as) da RECID São Paulo, num total de 11 pessoas envolvidas no processo, desenvolvemos um plano de ação para a implementação da comunidade de aprendizagem, sendo encontros semanais e/ou quinzenais, conforme a demanda, intercalados aos encontros de formação da comunidade de aprendizagem. Partindo do acompanhamento *in loco* (encontros de formação), nos desafiamos a vivenciar até novembro de 2014 espaços de formação mensais, totalizando 07 encontros de formação. Acabamos de concluir a 4ª etapa de formação da comunidade.

Trilha metodológica dos encontros da CAEP

A comunidade de aprendizagem foi pensada em módulos que tiveram como propósito contribuir para que os(as) educandos(as) tivessem capacidade de analisar criticamente a realidade à sua volta. Pretendeu-se com isso colaborar para que se contextualizasse sua realidade, relacionando-a com os processos que estão em curso na sociedade brasileira. Dessa forma, esperou-se uma comunidade propositiva de ações para intervir nas situações de opressão identificadas em seu grupo de base. De certa forma, buscamos garantir o aprofundamento coletivo da vivência da metodologia da educação popular e do legado de Paulo Freire, potencializando a sistematização coletiva das experiências vividas.

No primeiro e segundo encontros da CAEP, iniciamos com o levantamento das experiências de origem e expectativas de cada um(a) em relação à Comunidade de Aprendizagem em Educação Popular (CAEP). Na sequência, foram propostas duas rodas de conversa preparatórias com a temática de “Es-

tado e sociedade” e “Educação popular: concepção bancária *versus* concepção problematizadora”. Nessa atividade, refletimos sobre as formas de organização da sociedade e suas relações de vida e o modo de viver das pessoas, bem como sobre seus determinantes. Reflexão sobre as potencialidades e os desafios dos(as) educadores(as) como protagonistas dos processos de organização nos territórios. Identificação dos parceiros com quem podemos contar, para enfrentar as condições que determinam a produção social de opressão. Refletimos sobre os princípios pedagógicos da Educação Popular na prática cotidiana dos participantes.

A partir do terceiro encontro, afinamos nossos desafios numa análise de conjuntura que entre outras questões nos ajudou a identificar as tendências dominantes dos últimos acontecimentos. Focamos a nossa reflexão acerca das ideias e lutas sociais no Brasil, tanto em sua historicidade como em suas tendências recentes, problematizando o processo histórico de organização e de luta da classe trabalhadora, em particular, por meio dos movimentos sociais. Sendo essa Comunidade de Aprendizagem em Educação Popular (CAEP) um processo coletivo de construção do conhecimento, propomos duas atividades importantes: uma memória do primeiro módulo em formato de carta pedagógica, com o intuito de ligar um módulo a outro e um documentário com entrevistas com os presidentes Hugo Chávez, Christina Kirchner, Evo Morales, Fernando Lugo, Raúl Castro e Luiz Inácio Lula da Silva, chamado “Ao sul da fronteira”, as quais puderam nos aproximar das experiências de poder popular na América Latina. Após o documentário, fomos chamados à construção do perfil dos participantes, socializando a prática e vivência de cada educando(a) com o propósito de criar unidade e identidade do grupo com alguns desafios importantes: a) apresentação individual de cada um(a) como liderança; b) levantamento das histórias de lutas pessoais e coletivas de cada participante; c) quais as lutas a CAEP poderia se desafiar a realizar?; d) que pensassem em um “grito” que identificasse a intencionalidade política do grupo.

Mudanças e desafios

1. *Avanço no âmbito da educação popular:* O processo de formação foi rico e desafiador, pois partimos do princípio que todos tinham conhecimento até mesmo pelas suas experiências de vida e em seus trabalhos de base em suas comunidades.
2. *Problematização do entendimento dos conceitos:* o uso de instrumentais facilitadores, como de textos de subsídio, *slides* e vídeos para os debates, tem ajudado no entendimento dos conceitos e contribuído para

a construção de demandas de atividades para os encontros seguintes, colocando a todos um comprometimento maior com a formação.

3. *Problematização da realidade dos(as) educandos(as)*: nessa questão, as mudanças notadas no decorrer da formação foram a necessidade que os educandos e educandas tiveram em questionar os conceitos transmitidos pelas instituições as quais eles convivem no seu dia a dia, como ele/ela se propõe a explicar determinada realidade vivenciada a dialogarem sobre as problemáticas de seu espaço social.

4. *Partilha e troca de saberes*: a intencionalidade, nesse sentido, foi de socializar práticas vivenciadas no cotidiano da vida das educandas e dos educandos num contexto comunitário de partilha de saberes e experiências colaborativas, propiciando, uma dinâmica de trabalho com diálogos interpessoais e vivências, rompendo o tradicional isolamento dos(as) educandos(as) e educadores(as) em suas áreas de saberes.

Limites encontrados

Ainda estamos no curso do processo fazendo as descobertas. De início, a maior dificuldade foi a questão financeira, pois gostaríamos de fazer mais encontros além daqueles planejados, para fazer um aprofundamento adequado e satisfatório de algumas temáticas sugeridas por eles, bem como a necessidade de se levar em conta os limites como tempo convênio x tempo da educação popular.

No campo pedagógico, uma grande dificuldade está sendo também relacionada com a questão financeira, pois necessitaríamos de mais encontros de planejamento pedagógico com toda a equipe. Está sendo cada vez mais complicada a participação, principalmente a vinda da equipe de educadores(as) e educandos(as) estabelecidos(as) no interior do estado, que têm bastante dificuldade em relação ao seu deslocamento até a capital, impactando assim na organização e no planejamento dos encontros de formação.

Ponto de chegada

No decorrer desse processo, ao olhar a caminhada realizada até o momento, os instrumentais criados, as atividades de formação, os registros escritos/fotografados, nos deu a sensação que o processo deve ser mais longo, porém mais prático com exercícios contínuos, pois a formação continuada pode dar conta de romper com vícios metodológicos arraigados nas nossas práticas por estarmos inseridos nestes e também porque, em muitos momentos, somos o senso comum repetindo práticas de alienação.

Foi possível perceber os avanços e limites da vivência da educação popular frente à burocracia das associações e do conveniamento. Por vezes, os espaços de formação são tomados pela necessidade imediata e urgente de resolver assuntos de gestão, em outros de confrontar as práticas individuais com egocentrismo de demonstrar que a minha prática é “melhor” do que a do outro(a).

Na especificidade pedagógica, a opção pela educação popular sistematizada por Freire é um processo de desconstrução e reconstrução, pois estamos inseridos nas contradições do dia a dia, pregamos por vezes ideologias das quais nem temos o domínio por estarmos em espaços de debates contínuos e de disputa de poder. Isso nos remete cotidianamente a avaliar, refletir, agir, propor, mudar, investigar tudo o que nos é negado numa sociedade tão excludente.

Como pano de fundo está nossa esperança de resgatar a participação popular em espaços de micropoderes para então podermos ocupar os espaços públicos ampliados, se empoderando das nossas vidas, histórias de lutas, das necessidades objetivas e subjetivas que nos permeiam. A participação popular desenvolvida nos trabalhos de base amplia os espaços políticos de ensino-aprendizagem na construção de outro projeto de nação que seja construído com a participação de todos(as). Ainda é utópico este último parágrafo, mas acreditamos como bem está registrado num dos nossos documentos de cirandas anteriores: “Na luta de classes, todas as armas são boas: pedras, noites e poema” (Paulo Leminski).

*“RECID em construção.
Formando educadores para fazer revolução!”
Coletivo de educandos(as) CAEP/SP.*

